

Estrela de Belém

Texto de José Fanha
ilustrado por João Tavares



Muitos me dirão que não é fácil
ser-se estrela. Nada mais verdade.
Não falo de uma estrela de cinema.
Nem de futebol. Nem de rock-and-roll.
Isso é fácil. Não custa nada. É só sorrir,
dar uns pontapés na bola ou arranhar
as cordas de uma viola elétrica.
O que é difícil é ser-se
uma estrela como eu.



Sou uma estrela. Já vos disse.
Tenho vivido por aqui, num canto do universo,
entre cometas e poeiras siderais, cheio
de planetas à minha volta!. O complicado
é seguir sempre a direito sem sujar a roupa
nem chocar com ninguém.
Não é fácil ser-se estrela sobretudo
quando temos um caminho a cumprir,
um destino muito preciso e uma
data inalterável para chegar lá,
ao meu destino.

E o meu destino chama-se Belém.



Gostava de vos contar um pouco de mim.
Nasci no Big-Bang que foi uma espécie de Maternidade
de todas as estrelas e mais todos os corpos celestes
que andam aqui por cima como eu.

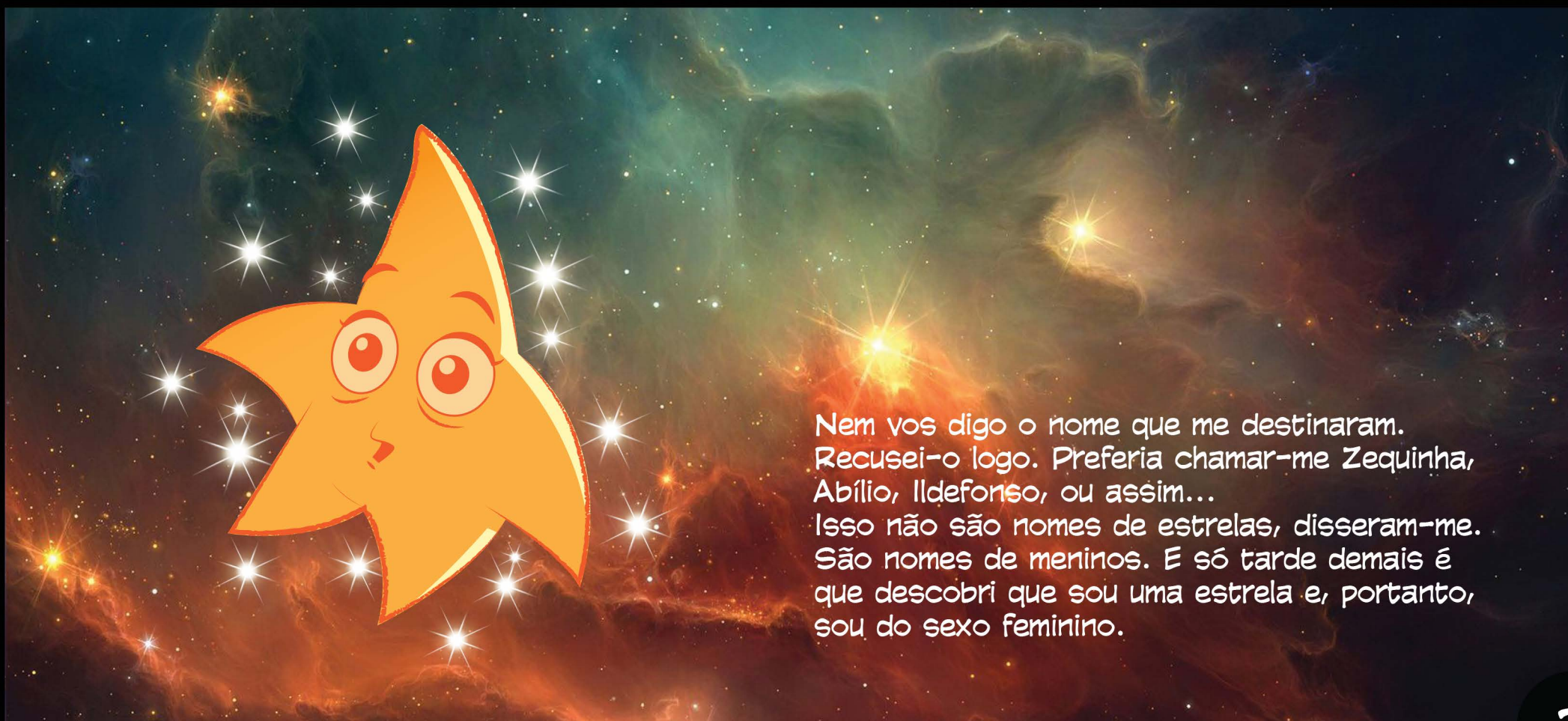


O Big-Bang foi o início da minha vida e, para dizer a verdade, não foi nada fácil. Estávamos todos muito sossegados. Éramos apenas um. Quer dizer, estava tudo juntinho e ninguém sabia ainda que aquilo ia dar um grande estouro e que, em vez de sermos apenas um, íamos passar a ser uma enorme quantidade de milhões e mais milhões de corpos celestes que nunca mais se conseguia acabar de contar.



Mal nascemos desatámos todos a dizer: "Nasci! Sou um ser único, irrepetível, a andar em grande velocidade pelo espaço fora. Quero ter um nome!"

Não sei qual era a pressa nem sei quem é que teve a ideia de começar a distribuir por nós todos uns nomes esquisitos de deuses romanos e gregos como Centauro, Castor, Antares e outros ainda piores como Beta de Virgem, Ypsilon de Andrômeda. Não dá jeito nenhum quando queremos chamar alguém ter de gritar: "Anda cá Beta de Virgem!"



Nem vos digo o nome que me destinaram. Recusei-o logo. Preferia chamar-me Zequinha, Abílio, Ildefonso, ou assim... Isso não são nomes de estrelas, disseram-me. São nomes de meninos. E só tarde demais é que descobri que sou uma estrela e, portanto, sou do sexo feminino.

Fiquei a saber que sou uma estrela.
Mas recusei todos os nomes que me deram a escolher
no imenso catálogo de nomes que podem ter as estrelas
do céu: Achenêlia de Boieiro, Aldegundes de Centauro,
Pancrâcia do Cão Maior, e muitos outros nomes ainda
mais nojentos.
Finalmente encontrei um nome que me pareceu jeitosinho,
doce, coisa de menina: ESTRELA DE BELÉM.

Achenêlia de Boieiro
Aldegundes de Centauro
Pancrâcia do Cão Maior



Avisaram-me logo: se queres ser a ESTRELA DE BELÉM
vais ter de fazer uma longa, longa viagem.
Eu disse logo que sim. Viajar é comigo.
E deram-me uma missão: terás de chegar a Belém
na noite de 24 de Dezembro para anunciar o nascimento
de um Menino muito especial que vai nascer
para anunciar um novo tempo de paz e amor.
Contem comigo, disse eu.
E não sabia no sarilho em que me estava a meter.

Se queres ser a
ESTRELA DE BELÉM
vais ter de fazer uma
longa, longa viagem.

Contem
comigo!



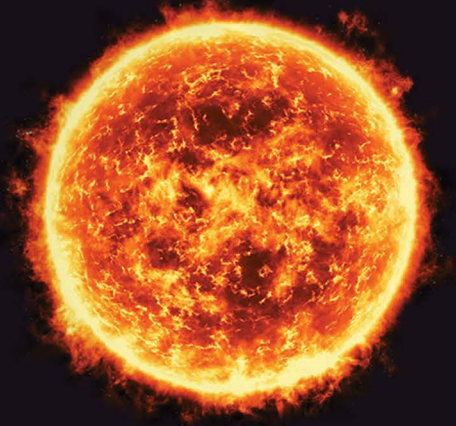
Quando me explicaram o caminho para Belém pareceu-me
que era fácil e pus-me logo a andar.
A princípio bastou descer a Via Láctea, com atenção
para não pisar o Disco Galáctico. Tive de ter muito
cuidado a contornar os buracos negros não fosse
cair lá dentro. Passei depois por cinco mil
quatrocentas e trinta e quatro galáxias.
Voltei na última à esquerda e...
E era aí.



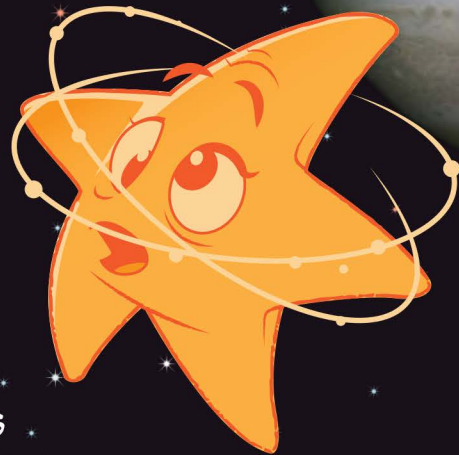
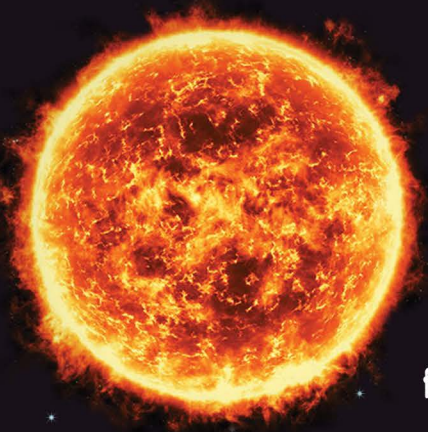
Não era bem aí. Era mais à frente.
Ainda havia uma nebulosa para atravessar.
Não sei se já tentaram atravessar uma nebulosa...
Não se vê nada. Nadinha mesmo. Por isso dei
cada cabeçada que até fiquei com a cabeça
a abanar um bocadinho.



Passado algum tempo
cheguei a uma grande estrela
chamada Sol. Era aí.

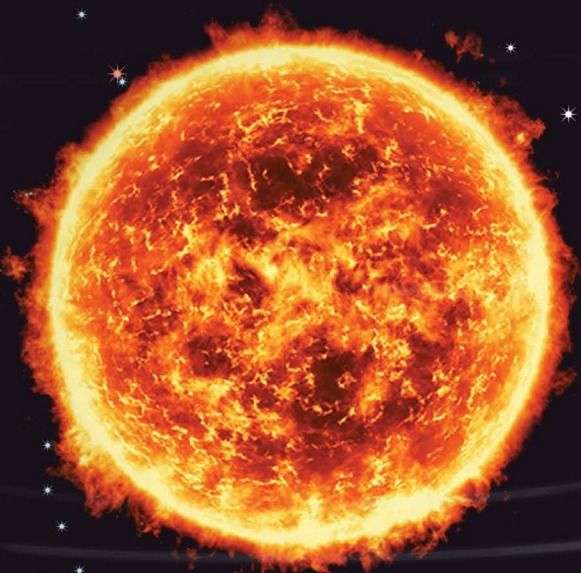


Também não era aí. Não podia ser aí.
Eu ia para o nascimento de um menino e, numa estrela enorme
sempre a arder como o Sol não podem nascer meninos. Respirei
fundo e percebi que o meu caminho ainda não tinha acabado.
Olhei em redor e vi que à volta do Sol havia vários planetas
a andar à sua volta e outros planetas mais pequenos a andar
à volta dos planetas maiores.



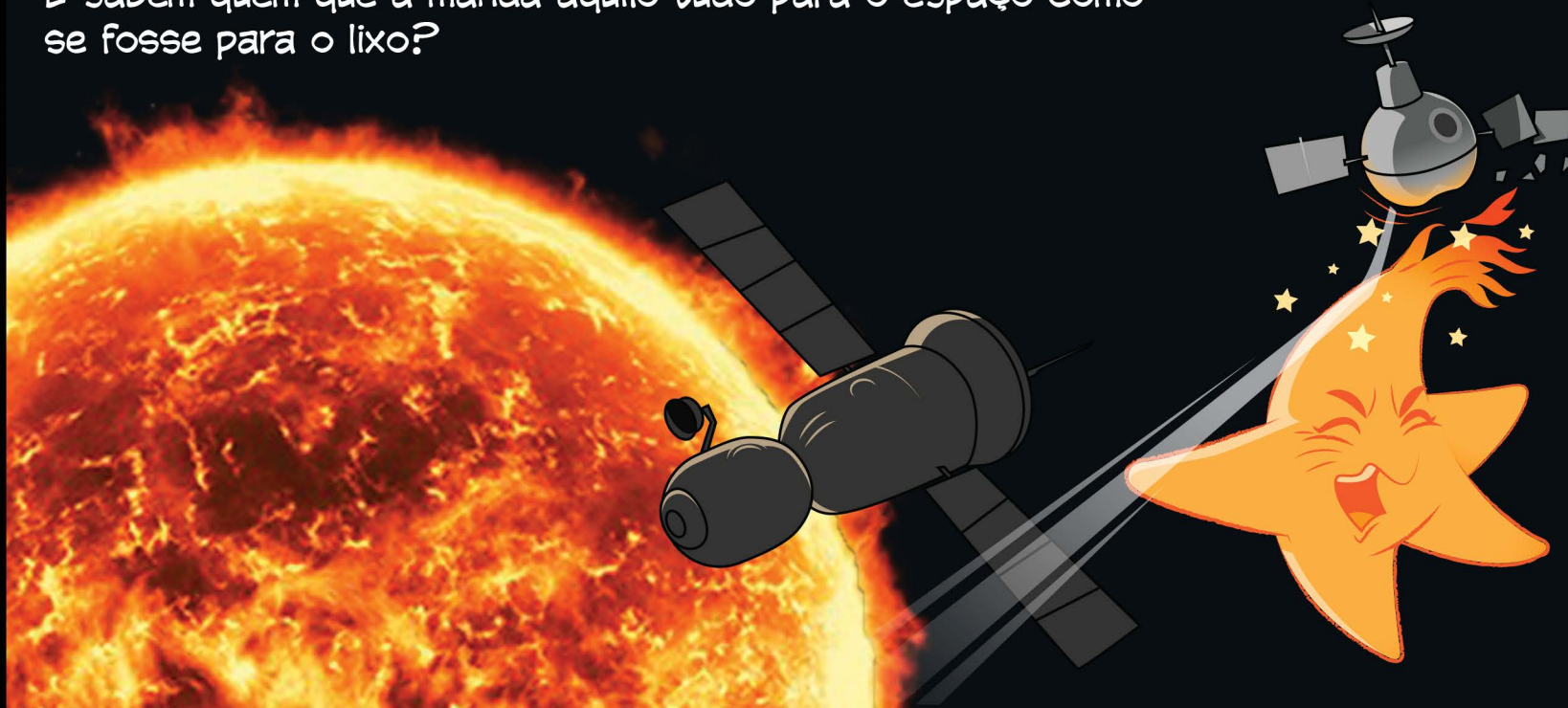
E com tantas voltinhas
fiquei cá com umas tonturas
que nem vos digo!

Eu sei que o Universo está em expansão desde o Big-Bang e que
nós andamos todos a expandir sem parar um segundo sequer.



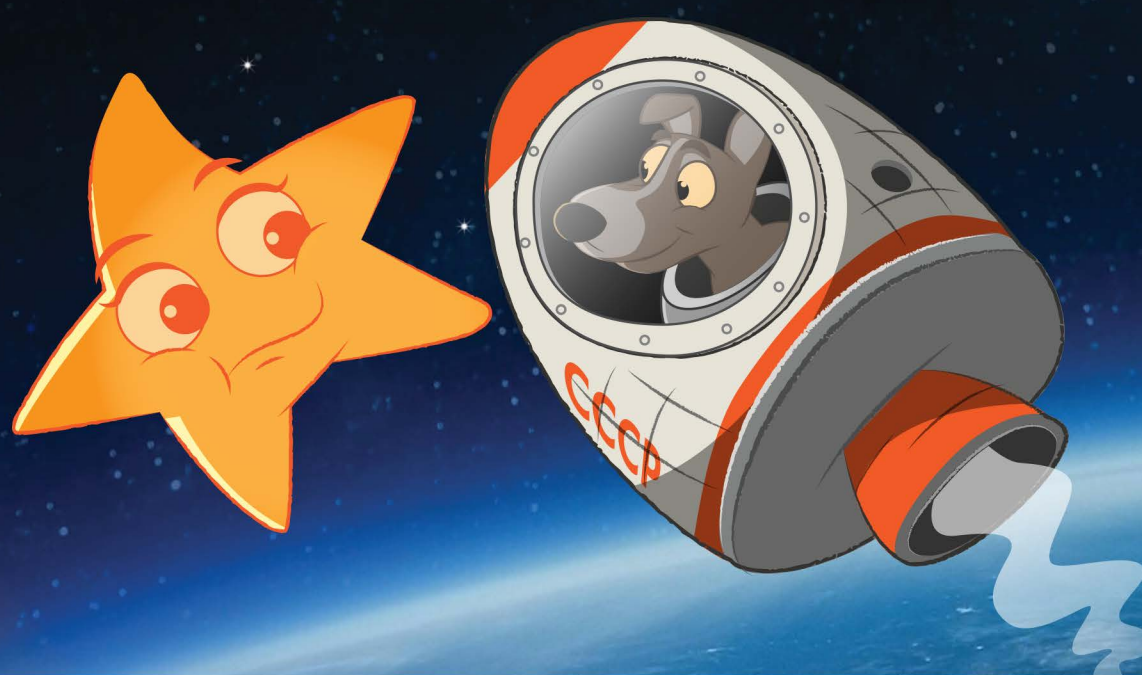
Mas uma coisa é expandir para a
frente e outra é andar
à volta e à volta como
acontece no Sistema Solar.

No meio dos planetas, à volta do Sol, andava uma quinquilharia que nem vos digo!
Sputnicks, estações orbitais, naves espaciais e outras que mais.
Garanto-vos que levar com aquela tralha na testa não é pêra doce.
E sabem quem que a manda aquilo tudo para o espaço como se fosse para o lixo?



Os habitantes
do planeta Terra.
Deitam tudo
para o lixo.
Até cães.

O primeiro cão que conheci chamava-se Laika e não era cão, era cadela, uma cadela astronauta. Foi ela que me explicou tudo sobre a Terra e os seus habitantes.
Uma grande cambada de inconscientes, disse-me ela. Passam o tempo a fazer asneiras. E a pior de todas, segundo a Laika é deitar as árvores abaixo. E acrescentou que, se continuam assim, não vai ficar nenhum sítio para fazer xixi.



Além de cortar as árvores, os habitantes da Terra fazem guerras,
destroem casas, tratam mal as crianças e os animais.
Por isso é que, daqui a poucos dias, vai nascer um menino
que vem dizer às pessoas para serem amigas
umas das outras, para tratarem bem os animais
e a natureza, para fazerem o bem a todos.
E é o nascimento desse menino
que eu venho anunciar.



Para chegar a Belém ainda falta muito, disse-me a Laika.
É ali naquele sítio azul? Perguntei eu.
Não. Aquilo é a água.
Água?, perguntei eu. O que é isso? Para que é que serve?
Serve para navegar. Para beber. Para cozinhar. Para puxar o autoclismo.



Para chegar a
Belém ainda
falta muito!

É ali naquele
sítio azul?



O autoclismo...? Não percebi nada do que a minha amiga
Laika me explicava. Eu olhava lá para baixo e só via que
a água era toda azul e que ia de uma ponta à outra
da Terra. Aquela água era mesmo muito grande!
Pode ser grande ou pequena, explicou-me ela.
Muita água junta faz um mar. E o que é o mar?
O mar é... O mar é... O mar... Olha, o melhor
é atirares-te de cabeça e logo vês.



Eu atirei-me de cabeça e vim por ali abaixo direitinha
ao azul do mar numa velocidade enorme.
O azul foi ficando cada vez maior, cada vez maior,
cada vez maior e, de repente... Splashhhhhhhhhhh!

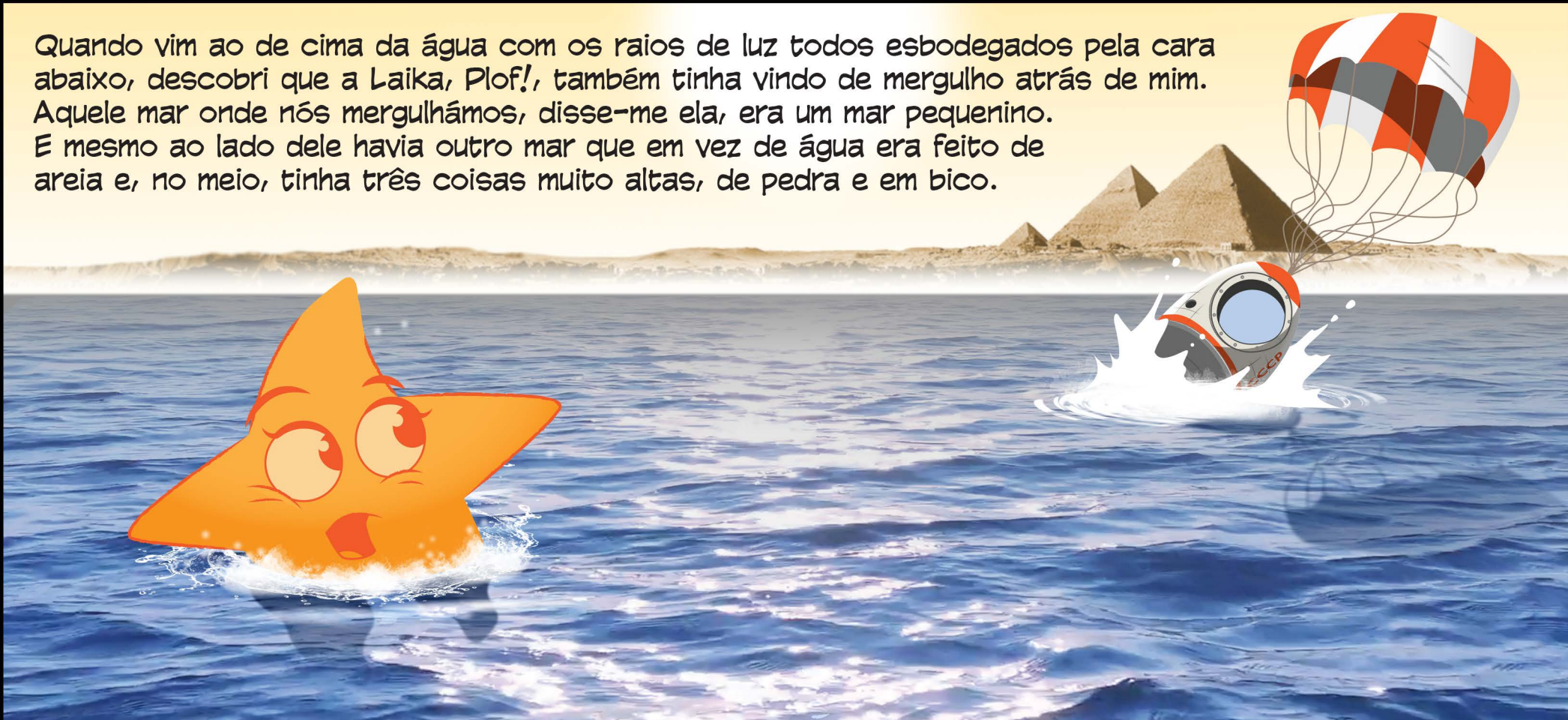


Mergulhei no mar, com um grande choque e a minha
linda cabeleira de estrela brilhante apagou-se.
Lá se foi o penteado lindo que eu tinha feito para
aparecer em Belém toda bonitinha.

Splashhhhhhhhh!



Quando vim ao de cima da água com os raios de luz todos esbodegados pela cara abaixo, descobri que a Laika, Plof!, também tinha vindo de mergulho atrás de mim. Aquele mar onde nós mergulhámos, disse-me ela, era um mar pequenino. E mesmo ao lado dele havia outro mar que em vez de água era feito de areia e, no meio, tinha três coisas muito altas, de pedra e em bico.



Fui aprendendo que, além do mar, a Terra tinha muitas outras coisas: a selva, os Himalaias, o Pólo Norte, os estádios de futebol e os cabeleireiros, que infelizmente não servem para pentear a cabeleira das estrelas como eu.



Ainda existem os animais. As galinhas que dão ovos, as vacas que dão leite, os crocodilos que dão sapatos, e os camelos que dão sobretudos.

Pusemo-nos a caminho de Belém. Mas a verdade é que não sabíamos para que lado era. Por isso tivemos de perguntar a uns reis que iam a passar:

- Ó senhor rei, sabe dizer-me qual é o caminho para chegar a Belém?
- Olha que esta, olha que esta!, responderam eles.
- Nós também vamos para lá. Mas a menina é que é a estrela, a menina é que tem de nos indicar a nós o caminho!

Mas a menina é que é a estrela, a menina é que tem de nos indicar a nós o caminho!

Ó senhor rei, sabe dizer-me qual é o caminho para chegar a Belém?

Olha que esta!



Para encontrar o caminho pus-me a subir para o céu para ver se lá de cima conseguia ver a direção que devia tomar. Subi, subi, olhei, olhei. Lá em baixo, as pessoas vinham por estradas e caminhos de cabras e eu pelo meio do ar para evitar o engarrafamento. Só não conseguia perceber porque é que vinham todos de nariz alçado a olhar para mim. Era para fazerem troça, com certeza. O mar tinha-me deixado o penteado todo desfeito e eu devia estar um horror.

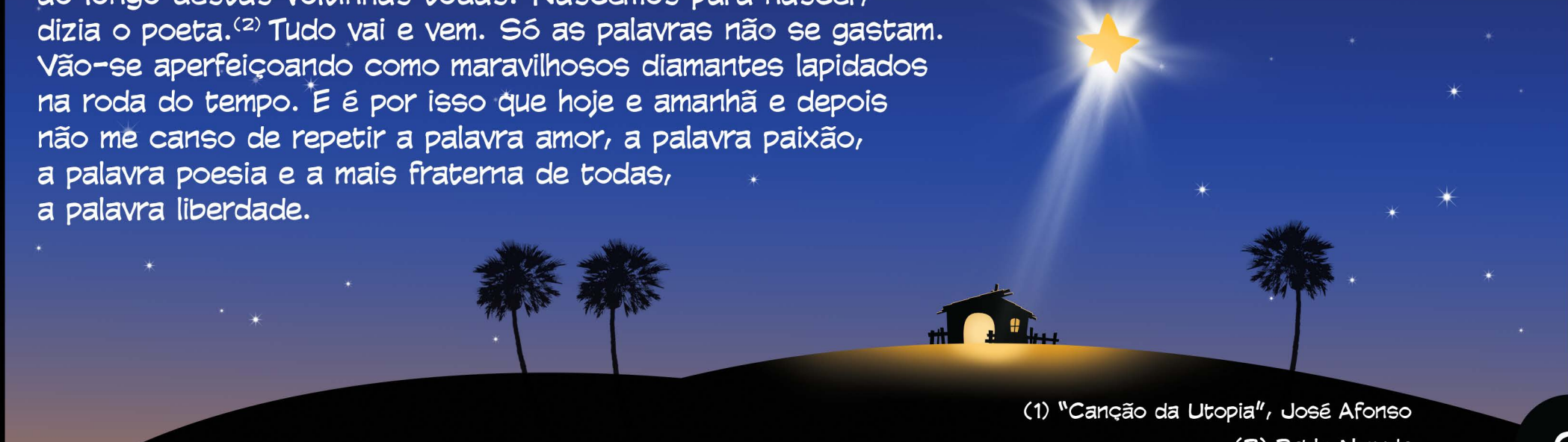


Afinal, aquela gente toda queria que eu lhes indicasse o caminho para a cidade onde ia nascer um menino especial. E eu percebi que havia uma porta especial para lá chegar. E cada um tinha de encontrá-la dentro de si porque ela está no centro de um grande abraço dos homens, das flores, dos peixes, dos animais, dos mares, das florestas e das estrelas. E que essa porta é que nos leva a uma "cidade sem muros nem ameias, gente igual por fora, gente igual por dentro, onde a folha da palma afaga a cantaria".⁽¹⁾



E foi nesta cidade que nasceu o menino que vinha anunciar um tempo novo de paz e amor.

Hoje cheguei finalmente ao meu ponto de chegada. Cheguei, é uma maneira de dizer. Enquanto atravessasse o Universo também atravessasse o tempo e fui aprendendo que os pontos de chegada são sempre, também, pontos de partida. A vida de todos nós anda sempre à volta. Para cima, para baixo, para o lado. Como os planetas. Como tudo no universo. Sempre à volta, à volta. E tudo o que está em baixo está em cima. E a nossa vida regressa ao ponto de partida para partir outra vez, apenas um pouquinho diferente. A minha linda cabeleira de estrela refulgente está diferente. Foi-se gastando ao longo destas voltinhas todas. Nascemos para nascer, dizia o poeta.⁽²⁾ Tudo vai e vem. Só as palavras não se gastam. Vão-se aperfeiçoando como maravilhosos diamantes lapidados na roda do tempo. E é por isso que hoje e amanhã e depois não me canso de repetir a palavra amor, a palavra paixão, a palavra poesia e a mais fraterna de todas, a palavra liberdade.



(1) "Canção da Utopia", José Afonso

(2) Pablo Neruda